

## A VONTADE DE SABER E A VONTADE DE VERDADE MANIFESTA NO CURSO DE LINGÜÍSTICA GERAL<sup>1</sup> DE FERDINAND SAUSSURE

Raimunda Delfino dos Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** A partir de uma certa vontade de verdade presente nesse livro, a qual, segundo esta análise, corresponde ao verdadeiro da época em que Saussure, a partir de suas pesquisas torna a Linguística uma ciência, o que lhe deu o título de “pai da linguística”. Para tanto, utiliza-se de alguns postulados foucaultianos presentes em *A Arqueologia do Saber*, *A ordem do discurso*, *A vontade de saber*. A análise é feita a partir de reflexões acerca da vontade de saber de Saussure capaz de conduzi-lo a suas pesquisas divulgadas em seus diversos cursos de Linguística. Vontade essa capaz de manifestar-se também nos alunos, organizadores do livro, cuja autoria fora atribuída a Saussure.

**Abstract:** From a desire to present truth in this book, which, according to this analysis, this is the true time of Saussure, from his research makes linguistics a science, which gave him the title "father of linguistics. To this end, we use some assumptions present in Foucault's *The Archeology of Knowledge*, *The order of discourse*, *the desire to know*. The analysis is based on reflections about the desire to know Saussure able to lead you to their research published in their various courses in linguistics. Will this be able to manifest itself also in the students, organizers of the book, whose authorship was attributed to Saussure.

### 1. Introdução

É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma “política” discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos. (FOUCAULT, 1996, p. 35).

A partir dos cursos ministrados pelo lingüista suíço, Ferdinand Saussure, difundiu-se nos cursos de Letras uma vontade de saber atrelada a uma vontade de verdade relacionada aos estudos de Linguística, a qual, até então nem era considerada ciência. Essa vontade de saber eclodiu na França, espalhou-se pela Europa e difundiu-se pelo mundo. Tudo isso devido ao modo que esse pesquisador usou para estudar e difundir a Linguística. Ele não instaurou algo inédito, conhecimentos nunca discutidos, dos quais outros estudiosos ainda não houvessem se ocupado.

---

<sup>1</sup>Artigo apresentado ao Prof. Dr. Sebastião Elias Milani como requisito para a conclusão da disciplina **Historiografia Linguística: Ferdinand de Saussure**.

<sup>2</sup>Mestranda em Letras de Linguística e membro do grupo de pesquisas CRIARCONTEXTO.

Sendo assim, o que fez Saussure de novo? Por que ele conseguiu algo ainda não atingido por seus antecessores? Como isso aconteceu? Foram essas as perguntas que me levaram a fazer esse estudo, no qual e a partir do qual tentarei respondê-las. Para tanto, utilizarei, além do *Curso de Lingüística Geral*, de Saussure, alguns dos livros escritos por Michel Foucault, tais como: *A Arqueologia do Saber*, para abordar os seguintes aspectos: a “cientificação” da Linguística, delimitação do seu objeto e a formação dos conceitos discutidos por Saussure, *A ordem do discurso* para discutir a questão da autoria atribuída ao referido lingüista e *A vontade de saber* para discutir a preocupação tanto desse linguista ao realizar seus estudos e ao difundir-los através de seus cursos, quanto de seus alunos ao reunir, reorganizar e a publicar tais estudos.

Foi somente após a divulgação dos estudos saussurianos que surgiu uma nova ciência: a Linguística. Não que esta passasse a existir com Saussure, mas porque coube a tal linguista a tarefa de cientificá-la, sistematizá-la a partir da delimitação do objeto de estudo da linguística, dos seus métodos de investigação e de aplicação. Saussure, assim como Foucault não “inventou” o que disse, ele reuniu e sistematizou os já ditos por outros pesquisadores anteriores a ele.

Um dos objetivos deste trabalho é perceber como se deu a reorganização dos enunciados discutidos no *Curso de Lingüística Geral* e até que ponto é possível considerar Saussure o autor desse livro, escrito e publicado após sua morte, a partir das anotações feitas por três de seus alunos durante alguns dos cursos ministrados por esse linguista. Considero autor não o “indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, 1996, p. 26).

O método usado neste artigo é o indiciário de Ginzburg, através do qual busco os indícios presentes tanto nos escritos de Saussure, quanto nos de Foucault ora para cotejá-los, ora para verificar no primeiro a vontade de saber que o conduziu às pesquisas. Embora o livro atribuído a Ferdinand Saussure apresente múltiplas possibilidades de investigação, limitar-me-ei em investigar apenas a vontade de saber e a vontade da verdade que pode tê-lo guiado durante a realização de seus estudos a fim de tornar a linguística uma ciência. Para isto, falo um pouco sobre a questão da autoria, embora este não seja o foco deste trabalho. Esse tema faz-se presente, embora de forma breve, porque vejo nele alguns indícios de uma certa vontade de saber, de um poder de dizer o que está dito no **Curso de Linguística Geral**. É dizer: quem mais, além do sujeito intitulado “pai da Linguística”

poderia estar autorizado a falar de temas como: língua, linguagem, além de conceituar cada parte que compõe a linguística? Eis o porquê de o tema autoria estar presente neste trabalho. Considero para isto a seguinte hipótese: será que se, ao invés de Charles Bally e Albert Sechehaye, alunos de Saussure, organizadores do **Curso de Linguística Geral** atribuírem a seu mestre a autoria de um livro organizados por eles, fruto de suas anotações, tivessem, eles próprios assinado o livro e assumido seus papéis de autores, tal livro teria sido tão lido e tão divulgado? É esta a pergunta que me faz trazer para este artigo *A ordem do discurso*, na qual Foucault diz o seguinte: “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se poder falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 1996, p. 9). Digo com isso que, naquele momento, os alunos organizadores do livro atribuído a Saussure eram quaisquer sujeitos e falavam de qualquer lugar. Enquanto seu mestre era o sujeito autorizado a falar sobre a língua, por ser ele o “pai” da Linguística como ciência.

## 2. A vontade de saber, a vontade de verdade e autoria

Ao falar da vontade de saber manifesta nos ditos saussurianos, faz-se necessário esclarecer alguns termos presentes neste trabalho, tais como: a) ciência e saber, b) a vontade de saber e a vontade de verdade, c) formação do objeto, d) formação dos conceitos, e) língua, linguagem e fala para Saussure e, finalmente autoria na concepção foucaultiana. Embora sejam muitos os termos a serem discutidos, a explanação sobre cada um deles acontecerá de forma bastante sucinta uma vez que a tentativa de definir tais termos tem o único propósito de situar melhor o assunto tratado aqui. Passo agora às “definições”.

a) A noção de ciência e de saber contida nesta análise baseia-se no que diz Foucault. Para ele um saber é:

Um conjunto de elementos formados de maneira regular por uma prática discursiva e indispensáveis à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar. Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um *status* científico. Um saber é também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso. É também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam. Um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso. Não há saber sem uma prática

discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma (FOUCAULT, 2005, p. 204).

É possível dizer a partir daí que uma ciência constitui-se pela reunião e sistematização dos saberes sobre determinado assunto. Uma ciência é responsável por reunir, organizar, classificar, definir o objeto a ser estudado e o método a ser utilizado para este fim. Uma ciência é, portanto, responsável pela sistematização de determinadas práticas discursivas, outrora fragmentadas e, após tornadas ciências, dispostas, juntas, uma em favor da outra.

b) A partir de práticas discursivas e não discursivas surge, então uma certa vontade de saber, definida por Foucault (2006), como resultado de alguns questionamentos feitos por pessoas de uma determinada época, acerca de determinado tema. Para tal filósofo essa vontade de saber é guiada por uma vontade de estabelecer uma verdade sobre o assunto discutido. Vontade essa que deve estar de acordo com o verdadeiro da época. Cabe dizer aqui que, na época de Saussure, o verdadeiro era tanto falar sobre os estudos do sânscrito, quanto estudar essa língua, que, para Franz Bopp (1995), por exemplo, é a língua mãe de todas as outras e que, a partir dele é possível compreender as outras. Foi justamente esse verdadeiro - estudar o sânscrito - o responsável por aquele linguista abandonar seus estudos de física e passar a estudar a língua, sua estrutura e seu funcionamento.

Deste modo é possível compreender o porquê desse linguista ter optado por estudar o sistema da língua, sua estrutura e não os aspectos da fala. Isso não significa que ele tenha desconsiderado as variedades entre o falar de um e de outro sujeito, tampouco significa que ele, Saussure tenha considerado, ou dito ser a língua homogênea, no sentido de ser esta livre de interferências do social. Se assim fosse, dificilmente ele teria justificado sua escolha por estudar a língua por esta variar menos que a fala e por receber de seus usuários menos interferências. Pois, para Saussure, “ a língua, é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos” (SAUSSURE, 1995, p. 27). Esse linguista considera, portanto, a língua “um sistema de signos que exprime idéias” (SASSURE, 1995, p. 24).

Em Foucault (2006) tem-se que as técnicas de confissão sobre o sexo, guiadas por certa vontade de saber sobre a sexualidade, propiciou o surgimento de estudos e do controle sobre a atividade sexual das pessoas. Isso foi se transformando, aos poucos em um mecanismo de poder e de controle do governo sobre as pessoas e a população. A partir daí, os governos entenderam que era necessário controlar não mais os indivíduos, mas as

populações. Era necessário observar seu comportamento, as doenças das quais eram vítimas, a taxa de natalidade e de mortalidade. Ouso dizer nesta pesquisa que algo semelhante ocorreu com os estudos sobre a língua, ou seja, foi a partir de algumas confissões sobre os usos da língua que os estudos sobre ela tornaram-se possíveis.

Se observados os estudos sobre língua, é possível perceber que, desde Platão há registro de uma certa vontade de se estabelecer uma verdade sobre o funcionamento da língua, como isso acontece e como os sujeitos devem usá-la. Em MATTOS e SILVA, (1996) consta que o verdadeiro do século V a.C eram os estudos sobre a retórica, a arte do bem falar, de convencer através do uso da linguagem. Assim surgiram os estudos sobre retórica.

Considerando o ato de escrever uma técnica de confissão de um sujeito para um determinado interlocutor, é possível dizer serem os escritos de Platão e de seus seguidores, confissões sobre o seu próprio uso da língua. Tal confissão aconteceu dentro da ordem do discurso vigente naquele período, no qual, Platão, como filósofo respeitado e reconhecido estava autorizado a escrever e a dizer o seu discurso; ele não era, de forma alguma, qualquer sujeito que ocupasse qualquer lugar, mas um grande pensador grego, responsável por fazer diversas reflexões sobre inúmeros temas inquietantes, dentre eles, os usos e a organização da língua.

Surgiram então outros sujeitos autorizados a falarem e a confessarem seus usos da língua, tais como Aristóteles, que, embora tenha sido um meteco<sup>3</sup>, fora autorizado a estabelecer a sua ordem do discurso, a dizer o que pensava sobre quaisquer temas e assim o fez, confessou por escrito o que pensava ser o bom uso da língua. O que possibilitou a existência de outros estudos e de outras confissões, cada vez mais detalhadas. Assim estabeleceu-se a vontade de verdade sobre os usos da língua, suas normas e seu funcionamento. Isso incutiu nos estudiosos da época a vontade de saber sobre a língua, seus usos, seu funcionamento. Uma preocupação existente até hoje entre os linguistas.

O termo linguista passou a ser usado a partir de Saussure, de seus estudos, de seus métodos que tornaram a Linguística uma ciência. Em Saussure (1995) tem-se que a “Linguística propriamente dita, nasceu do estudo das línguas românicas e das germânicas.

---

<sup>3</sup>Metecos eram os sujeitos não nascidos em Atenas, os que não tinham o status de cidadão grego, ou por não serem filhos de pai e mãe ateniense, ou por não atenderem aos critérios exigidos, dentre eles, ser de família abastada.

O que houve antes de Diez (1836-1838) foram estudos da gramática das línguas, estudos comparativos, normatização dos usos das línguas. Porém, de uma forma ou de outra tais estudos podem ter instituído a vontade de estabelecer uma verdade quanto aos usos da língua, a partir de uma vontade e saber como funcionam, de acordo com quais regras, ditas por quais sujeitos, em qual tempo. Preocupações como essas favoreceram o surgimento das primeiras gramáticas, dos primeiros manuais de ortografia das línguas. Segundo MATTOS e SILVA (1996), isso aconteceu com Díscolo, no século II d.C., não que ele tenha feito a primeira gramática, mas sim a primeira sintaxe do grego. Possivelmente tais estudos foram fruto da preocupação com o bom uso da língua, tanto escrita como falada. Eis, mais uma vez, a vontade de saber e a vontade de verdade manifesta não apenas em Saussure, como também em outros estudiosos, dos quais não me ocupo tanto por não ser este o objetivo deste artigo.

c) A formação do objeto é definida por Foucault (2005) da seguinte forma:

A) Seria preciso inicialmente demarcar as *superfícies* primeiras de sua *emergência*: mostrar onde podem surgir, para que possam, em seguida, ser designadas e analisadas essas diferenças individuais. B) Seria necessário, descrever, além disso, *instâncias de delimitação*. C) Analisar finalmente as *grades de especificação*: trata-se dos sistemas segundo os quais separamos, o pomos, associamos, reagrupamos, classificamos, derivamos, umas das outras, as diferentes “loucuras” como objetos do discurso psiquiátrico (pp. 46 e 47).

É certo que o objeto definido por Saussure fora a língua. Ela que conduziu os seus estudos, suas investigações e foi ela também que, após definida como objeto, fora, junto com os demais critérios adotados por esse linguista, responsável pelo reconhecimento da Linguística como ciência. Nesta análise ousou dizer que foi esse o primeiro critério usado por Saussure. Para ele, o objeto integral e concreto da Linguística é a língua. Esse estudioso acreditava que “o ponto de vista cria o objeto” (*op. cit.*, p. 15).

d) Quanto à formação dos conceitos, digo que “antes de querer repor os conceitos em um edifício dedutivo virtual, seria necessário descrever a organização do campo de enunciados em que aparecem e circulam” (FOUCAULT, 2005, p. 63). Portanto, os enunciados vêm antes dos conceitos, os quais se organizam e aparecem no campo dos enunciados.

Foi o que fez Saussure, ao cientificar a Linguística e ao ministrar seus cursos acerca dessa ciência: organizou os enunciados já existentes. Enquanto seus discípulos, por sua

vez, reorganizaram enunciados outrora ordenados por eles próprios, a partir dos ditos desse linguista em suas aulas, para, então publicarem o tão famoso *Curso de Lingüística Geral*. Foi essa a ordem do discurso instituída no referido livro: falemos em nome do “pai” da Linguística, não em nosso nome.

e) A respeito da língua, da linguagem e da fala, temos em Saussure as seguintes definições:

A língua, não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta. Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas” (op. cit., p. 23, *passim*).

Para Saussure, a fala se deposita no cérebro de cada falante. É ela quem possibilita o funcionamento da língua, através de sua realização. Língua e fala são para esse lingüista interdependentes, uma não funciona sem a existência da outra.

e) Finalmente, trago a concepção foucaultiana de autoria, a qual se caracteriza pela organização dos enunciados. Sendo assim um autor é “o princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência”. Para esse filósofo, “o autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real” (FOUCAULT, 1996, p. 26, *passim*). Considerando os ditos de Foucault é possível dizer que Saussure não é autor do *Curso de Lingüística Geral*, pois, coube a seus discípulos e não a ele a organização dos enunciados presentes nesse livro. Assim, não há como não refletir sobre o seguinte excerto:

se levantamos a questão de saber qual foi, qual é constantemente, através de nossos discursos, essa vontade de verdade que atravessou tantos séculos de nossa história, ou qual é, em sua forma muito geral, o tipo de separação que rege nossa vontade de saber, então é talvez algo como um sistema de exclusão (sistema histórico, institucionalmente constrangedor) que vemos desenhar-se (*idem, ibidem*, p. 14).

A partir daí, é possível estabelecer relações entre a vontade de verdade presente nos discípulos saussurianos, capaz de gerar e difundir uma vontade de saber Linguística nos cursos de Letras não apenas nos países da Europa, como também em países afastados desse continente, como o Brasil. É a ordem do discurso quem determina quem pode dizer o que e onde. Essa mesma ordem do discurso favoreceu e continua favorecendo a divulgação da Linguística como ciência, pois, ao ler o *Curso de Lingüística Geral* o interlocutor dessa grande obra é levado a crer que foi o “pai” da Linguística quem escreveu e disse todos os

enunciados contidos nesse livro. Isso, na ordem do discurso, determina ser, portanto, verdadeiro o conteúdo daquele livro e a, muitas vezes, nem questionar se antes de Saussure outras pessoas já não se ocuparam dos estudos da linguagem. Afinal, em todo o mundo só há um “pai” da Linguística.

### **3 Foucault e Saussure, algumas semelhanças e diferenças**

Assim como Saussure, que reuniu enunciados oriundos de diversas formações discursivas como da filosofia, da filologia, da gramática comparada e da gramática histórica para compor seus próprios enunciados, Foucault também agrupou discursos vindos de muitas formações discursivas e não discursivas, como as da medicina, da filosofia, da história e da gramática. Acredito ser essa multiplicidade de olhares presente em ambos estudiosos que enriqueceu e possibilitou a divulgação de suas pesquisas.

Uma das grandes diferenças entre Saussure e Foucault é que, enquanto Saussure buscava organizar seu discurso dentro da ordem já estabelecida, reagrupando enunciados, Foucault, embora não tenha instaurado discursos nunca proferido, inovou quanto ao seu método de investigação: a descontinuidade tão discutida por ele próprio em *A Arqueologia do Saber*. É certo que Saussure não cita diretamente as “origens” de seus discursos, de seus postulados, como também faz Foucault, entretanto aquele estudioso, ao contrário deste, não escreveu ele próprio um livro para explicar seu método de investigação. Quem escreveu *Para compreender Saussure* não foi Saussure. Ora, ele não escreveu nem mesmo o *Curso de Linguística Geral*, escrito e publicado após sua morte, como poderia ele ter escrito algo ainda mais posterior a sua morte?

Já Foucault, após escrever *As Palavras e as Coisas*, livro bastante lido e comentado na Europa, responsável por inúmeros questionamentos do método foucaultiano de análise, escreveu e publicou *A Arqueologia do Saber* com o propósito de explicar o método usado naquele livro. Seria um prefácio, no entanto, por ter ficado longo demais para isto, acabou sendo publicado separadamente, afinal, até hoje não há prefácios com 236 páginas organizadas em vários capítulos, itens e subitens. Isso poderia ser algo, além de inédito, muito perturbador aos leitores foucaultianos, que poderiam questionar a si próprios o porquê de um prefácio tão longo e tão complexo. Talvez muitos nem leriam a obra por causa do prefácio, para muitos, bem inquietante.



Uma das semelhanças entre Saussure e Foucault é o fato de ambos terem se ocupado em falar também da linguagem, cada um de uma posição social diferente, sendo o primeiro um linguista e o segundo um filósofo, o que não lhe impede de tratar sobre tal tema. Em uma de suas reflexões sobre o uso da linguagem Foucault diz o seguinte:

no século XVI, a linguagem real não é um conjunto de signos independentes, uniforme e liso, em que as coisas viriam refletir-se como num espelho, para aí enunciar, uma a uma, sua verdade singular. no seu ser bruto e histórico do século XVI, a linguagem não é um sistema arbitrário; está depositada no mundo e dele faz parte porque, ao mesmo tempo, ao mesmo tempo, as próprias coisas escondem e manifestam seu enigma como coisas a decifrar (FOUCAULT, 2002, p. 47).

Para ele, a linguagem “faz parte da grande distribuição das similitudes e das assinalações. Deve ela própria, ser estudada como uma coisa da natureza. Seus elementos têm, como os animais, as plantas ou as estrelas, suas leis de afinidade e de conveniência, suas analogias obrigatórias” (*idem, ibidem*, p. 48). Foucault dizia também que

a linguagem não é o que é porque tem um sentido; seu conteúdo representativo que, para os gramáticos dos séculos XVII e XVIII terá tanta importância a ponto de servir de fio condutor para suas análises, não tem sílabas, letras, porque há, depositadas nestas, virtudes que as aproximam e as desassocia, exatamente como no mundo as marcas se opõem ou se atraem umas às outras (*Idem, ibidem, loc. cit.*).

Enquanto para Foucault “a linguagem tem em si mesma seu princípio interior de proliferação” (*idem, ibidem*, p. 56). Para Saussure a língua é “um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem” (SAUSSURE, 1995, p. 22).

a língua é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da fala conserva a língua, contanto que compreenda os signos vocais que ouve. A língua, não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta. (*idem, ibidem*, p. 23).

Para Saussure língua e linguagem não se constituem como único objeto. Há uma diferença entre ambas. Para ele, “enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas” (*idem, ibidem, loc. cit.*)

Outra reflexão de Saussure quanto à língua é a seguinte:

para nós, ao contrário, o problema lingüístico é, antes de tudo, semiológico, estudos os nossos desenvolvimentos emprestam significação a este fato importante. Se quiser descobrir a verdadeira natureza da língua, será mister considerá-la inicialmente no que tem de comum com todos os outros sistemas da mesma ordem (*idem, ibidem*, p. 25).

Como é possível perceber, uma das diferenças entre Saussure e Foucault é que, enquanto o primeiro considerava a língua diferente da fala, mesmo reconhecendo a interdependência entre ambas, o segundo, ao defini-las não as difere, põe-las em um mesmo patamar, define-as do mesmo modo. Para Foucault língua e linguagem, além de serem interdependentes são também inseparáveis.

#### **4 Conclusão**

Ambos estudiosos viveram em épocas diferentes. Porque, então tanto um quanto outro se ocuparam em falar sobre a linguagem? Essa não é uma questão estudada apenas por linguistas. A vontade de verdade, a qual gera uma vontade de saber sobre os usos e os funcionamentos da língua nem começou com Saussure, nem morreu junto com ele. Ela perpassa séculos, conduz muitos discursos e se instaura dentro de muitas ordens do discurso. Na época de Saussure, a ordem do discurso era estruturalista; com Foucault há uma ordem do discurso descontínuo, centrado mais nos acontecimentos do que nas datas e nas pessoas. Embora falem de lugares sociais diferentes, ambos os pesquisadores foram, em épocas diferentes, com propósitos diferentes, responsáveis por instaurarem uma nova ordem do discurso.

A Saussure coube tornar a Linguística uma ciência, já para Foucault coube a função, criada e estabelecida por ele próprio, de apresentar um novo modo de escrever e de estudar a história, um modo descontínuo, através do qual os acontecimentos passam a ser percebidos a partir de suas semelhanças e de suas diferenças, não através de suas datas, ou de seus “fatores”. Com Foucault é possível perceber que os fatos históricos não aconteceram exatamente um após outro, como se houvessem sido milimetricamente sobrepostos uns aos outros. Com Saussure, é possível verificar que os estudos sobre linguagem devem ser sistematizados, cientificados, enquadrados em determinado método de investigação e que, além disso, é necessário considerar os estudos prévios sobre a linguagem e seus usos. Ele próprio não se considera “pai” da Linguística, talvez por ele ter

consciência de não ser a origem desses discursos. Foucault também não pretendia; tampouco se intitulava origem de discurso algum. Ao contrário disso, disse claramente em *A Arqueologia do Saber* não ser possível o jamais dito. Com isso ele admite o fato de tudo já ter sido dito e que o diferencial entre um e outro discurso, entre uma pesquisa e outra está na ordem dada aos enunciados, ao olhar lançado sobre eles. É isso que para ele constitui a autoria. A nova ordem dada aos enunciados.

Ouso dizer aqui que, assim como Saussure (1995), através de sua metáfora do jogo de xadrez disse serem inesgotáveis as possibilidades de combinações da língua, Foucault (2006), ao afirmar serem inúmeras as possibilidades de organização dos enunciados também disse, a respeito da autoria, ser sempre possível proferir um novo enunciado, basta reorganizar os discursos, adequá-los ao lugar onde será dito e ao sujeito que diz esses novos enunciados. Em outras palavras, é necessário seguir a ordem do discurso para difundir tanto a vontade de verdade, quanto a vontade de saber.

Enfim, eram esses os questionamentos que eu gostaria de fazer neste artigo: a “cientificação” da Lingüística, a classificação desta nova ciência, os possíveis métodos utilizados, algumas reflexões sobre língua, linguagem e fala e, finalmente a questão da autoria. Tudo isso em harmonia com a vontade de verdade que levou Saussure a realizar suas pesquisas, a (re)agrupar enunciados e a difundir uma vontade de saber sobre a língua e, conseqüentemente, sobre a Linguística. Essa mesma vontade de verdade foi capaz de levar os alunos de Saussure a resgatarem as anotações que fizeram durante as aulas ministradas pelo referido linguista, reorganizarem-nas e publicarem-nas, não em seus nomes, mas em nome de seu mestre. Diante de todo o exposto, será que ainda podemos considerar Saussure autor do *Curso de Lingüística Geral*?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio.

\_\_\_\_\_. *Estratégia, poder-saber*. (Ditos e Escritos, 4). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro.

\_\_\_\_\_ *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. Trad. Salma Tannus Muchail.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. *Tradição Gramatical e Gramática Tradicional*. São Paulo: Contexto, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995 [1971], 18ª ed. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.